



Quando essas revoadas de imigração estancam e as agruras do subsistir se amenizam lá fora, a população brasileira deixa de receber tantas levas e passa a medrar por impulso próprio. Se na terceira coluna dividirmos as estimativas por 10, obtém-se uma média de crescimento anual. O auge ocorre no princípio do século XX, com a população crescendo 7,56% ao ano e, a partir desse período, o declínio persistente com a população crescendo 1,24% na primeira década do século XXI. E a julgar pela “andadura” dos números, pode-se projetar para o decênio que se completa em 2020, crescimento médio populacional de 0,95% anual. Trocando em miúdos, significa que se corre o risco da população regredir ao invés de estabilizar.

Um dos motivos plausíveis que levou ao decréscimo da velocidade populacional reside na industrialização. As máquinas automáticas tomaram conta da produção em decorrência das consecutivas revoluções industriais. E, mais ainda, na última vintena do século XX, quando chegaram para ficar o computador e a informatização. Essa dupla racionalizou ainda mais o trabalho realizado mediante maquinário. Intercalou novos métodos e organização da produção. Inaugurou a empresa enxuta. Ao mesmo tempo, a produtividade aumentou. A quantidade de mercadorias para vender se ampliou com uma população relativamente menor. Em termos absolutos, a população crescia. É o que declaram os números em evolução na tabela. Todavia, a população para trabalhar não necessitava ser mais tão numerosa quanto antigamente. Diminuiu em relação ao trabalho a executar. O capitalismo brasileiro não requisitava mais tanta mão-de-obra, seja na agricultura, na indústria ou nos serviços.

Esta dinâmica se fez rapidamente perceber nas famílias. As proles numerosas tão comuns de encontrar se extinguíram e, em seu lugar surgiram famílias pequenas, quando não apenas um casal, sem desejo de pôr descendentes neste mundo. Até os anos 80, a comemoração dos aniversários das crianças demandava fartas guloseimas. Brigadeiros, cajuzinhos, beijinhos e bolos atopetavam as mesas. Refrigerantes e gasosas contentavam crianças e a meninada, faceiras nas festas em algazarra por todos os cantos da casa. Após os anos 80, cervejas e salgados cercaram essas divertidas celebrações. Os adultos se assenhorearam da paisagem domiciliar. Nos logradouros públicos, a composição populacional foi sendo dominada pelos adultos. As crianças foram sumindo gradualmente. Os velhos apareceram e, a continuar assim o trotear da carruagem, o Brasil terá uma população envelhecida. Cabelos grisalhos e cabeças de algodão a prevalecer nos panoramas urbanos e rurais, embora velhos portadores de outras características. Vaidosos, com preocupações saudáveis e trejeitos de quem busca beber algum elixir da juventude, dadas as possibilidades oferecidas pela tecnologia e a ciência.

Nem tudo será atmosfera tão galharda, de tamanho otimismo e alegria, tal e qual sugeririam estas mal traçadas linhas. Outras exigências vêm se debruçar sobre os seres humanos e os governos nesse novo contexto. Há pelo menos três novas situações se desenhando.

Em primeiro lugar, a idade de aposentadoria poderá se estender até os 70 anos ou além. Tempo de contribuição e idade mínima formarão os novos requisitos para inteirar o período de pendurar as chuteiras. Com computadores e informatização espalhados por todos os ramos, a força física bruta será, se já não foi, totalmente eximida do trabalho. Músculos servirão de adorno para homens e mulheres. O trabalho não exigirá mais tanto deslocamento com a internet cada vez mais rápida e, se assim houver necessidade, será em autos confortáveis, silenciosos, de fácil dirigibilidade e com sistemas de localização atualizados.

Em segundo, a faixa de consumo de mercadorias e serviços mais relevante será a correspondente aos velhos. E para consumir e assim manter o fluxo econômico em prosseguimento, as aposentadorias deverão sofrer uma reconfiguração. Nenhuma faixa de aposentadoria poderá

receber menos de 1 salário mínimo. O obstáculo será manter uma taxa de crescimento econômico de tal modo que os trabalhadores consigam se aposentar simultaneamente pelo tempo de contribuição adicionado à idade mínima. Se os ciclos econômicos diminuïrem de intensidade, com taxas acanhadas de expansão do PIB, milhões poderão ficar longe de conseguir contribuir e, portanto, não teriam como se aposentar nem formariam os fundos para sustentar os aposentados. O desafio do capitalismo brasileiro habita em como manter uma taxa de crescimento econômico, em que a duração do emprego gerado no presente assegure a aposentadoria do futuro.

E agora, quase nos “finalmente”, o argumento hipotético reincide sobre a questão da aposentadoria. Quando a economia brasileira se expandia com vigor até os anos 80 e a população majoritária vicejava de meninos e adolescentes, havia três ou quatro trabalhadores jovens ativos a garantir o descanso remunerado permanente de um trabalhador aposentado, pelo qual esse fez por merecer com suas contribuições. Com o transcorrer do tempo, a situação pode caminhar perfeitamente para se inverter. Ou seja: existir um trabalhador aposentado para gerar renda para três ou quatro trabalhadores em idade de se aposentar, ou já ausentes do mercado de trabalho.

O fator de reequilíbrio dessa equação, no futuro próximo, se calca na manutenção de elevados índices de produtividade, primordialmente, na indústria. A indústria irradia o progresso técnico que se imiscui pela agricultura e serviços. A agricultura em pequena e grande escala emprega tecnologias desenvolvidas tanto para máquinas, quanto sementes e defensivos. Os serviços ocupam equipamentos digitalizados e “internetizados”. E para a produtividade permanecer em altos índices, o investimento é imprescindível. E este investimento depende do nível de consumo e da taxa de lucro médio que o empresário capitalista requer para garantir o retorno do capital que pretende empatar na produção. Ampliar níveis de consumo em patamares mais elevados com uma população envelhecida e obter taxas de lucro médio maiores, quando a produção oferece mercadorias cada vez mais baratas mediante imobilizados cada vez mais caros, é que colocam dúvidas, se isto conseguirá ser alcançado com efetividade nas décadas que batem à porta.

**A JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.